

Celebrando os 40 anos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília

Suzana Pinheiro Machado Mueller

Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Brasília, DF, Brasil
suzanapmm@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.26512/rici.v12.n1.2019.11618>

Recebido/Recibido/Received: 2018-08-09

Aceitado/Aceptado/Accepted: 2018-08-14

Resumo: Palestra proferida por ocasião dos 40 anos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília. Baseado principalmente nas memórias da autora, o texto se inicia descrevendo o contexto das décadas de 1960 e 1970, quando emergem os novos cursos de pós-graduação no país, produto das reformas no ensino promovidas pelo Regime Militar que havia se instalado no país em 1964. O texto segue descrevendo a instalação do Mestrado em Biblioteconomia no Departamento de Biblioteconomia da Universidade de Brasília, em 1978, até sua transformação em Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, no início da década de 1990, incorporando o novo Doutorado e o Mestrado em Ciência da Informação, esse sucessor do Mestrado em Biblioteconomia.

Palavras-chave: Ciência da Informação. mestrado em biblioteconomia. programa de pós-graduação. Universidad de Brasília.

Celebrating the 40th anniversary of the Postgraduate Program in Information Science of the University of Brasilia

Abstract: Transcript of a talk given by the author in celebration of the 40th anniversary of the Graduate Program in Information Science at the University of Brasilia. Based mostly on recollections, the text starts by describing the context in which graduate programs emerged in Brazil under the Military Regime that ruled the country from 1964 to 1985. Then focus on the emergence of the Master Course in Library Science of the University of Brasília, established in 1978, up to the decade of 1990, when it was replaced by the present Graduate Program in Information Science, incorporating the Doctorate e Master courses in Information Science.

Keywords: Graduate Program in Information Science. Information Science. Master in Library Science. University of Brasilia.

Celebrando el 40 aniversario del Programa de Posgrado en Ciencias de la Información de la Universidad de Brasilia

Resumen: Palestra proferida con ocasión de los 40 años del Programa de Postgrado en Ciencia de la Información de la Universidad de Brasilia. El texto se inicia describiendo el contexto de las décadas de 1960 y 1970, cuando emergen los nuevos cursos de postgrado en el país, producto de las reformas en la enseñanza promovidas por el Régimen Militar que se había instalado en el país en 1964. El texto sigue describiendo la instalación del Máster en Biblioteconomía en el Departamento de Biblioteconomía de la Universidad de Brasilia, en 1978, hasta su transformación en el Programa de Postgrado en Ciencia de la Información, a principios de la década de 1990, incorporando el nuevo Doctorado y la Maestría en Ciencia de la Información, ese sucesor de la Maestría en Biblioteconomía.

Palabras clave: Ciencia de la Información. máster en bibliotecología. programa de posgrado en ciencia de la información. Universidad de Brasília.

1 Introdução

Em primeiro lugar gostaria de agradecer o convite para estar aqui hoje, ajudando a celebrar os quarenta anos de nosso Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Programa que começou em 1978, não como um programa em Ciência da Informação, mas como um mestrado em Biblioteconomia. Como eu participei da implantação desse mestrado e de boa parte de sua história, o convite me foi feito para compartilhar minhas memórias e experiências. Mas memórias costumam nos enganar, e assim consultei também alguns documentos que me ajudaram a preencher algumas lacunas¹. Ainda assim, peço aos que aqui estão e que também participaram desses eventos iniciais que me ajudem, corrigindo e completando meu relato.

O programa de hoje tem duas partes. Eu vou relembrar o começo, o passado, e a segunda parte deste evento será dedicada ao futuro. Os coordenadores mais recentes, inclusive o recém-empossado Professor João Maricato, terão a palavra, e eu agradeço muito por terem aceitado o convite e por estarem aqui hoje. Esperamos que possam compartilhar conosco a visão mais recente do Programa, suas dificuldades e pontos promissores, e, principalmente, suas expectativas para o futuro.

2 O início

Para que se tenha uma dimensão mais clara das circunstâncias que motivaram a emergência deste e de outros mestrados em Biblioteconomia que surgiram nas universidades brasileiras nas décadas de 1970 e 1980 é preciso entender o contexto da época. Para isso, temos de recuar um pouco, até a década de 1960. Como todos sabem, de 1964 a 1985 o Brasil esteve sob regime militar. Uma das metas desse governo era a modernização das indústrias brasileiras. Mas o Regime se deparou com vários problemas para atingir esse objetivo, entre eles, a falta de uma força de trabalho qualificada e um sistema de ensino ineficiente e incapaz de corresponder a essas expectativas. Além disso, as universidades eram um foco de problemas, onde estudantes e professores realizavam frequentes manifestações exigindo reformas, insatisfeitos com o ensino e com a nova situação política. Essas manifestações de oposição ao Regime eram violentamente reprimidas (ALVES e OLIVEIRA, 2014).

¹ Uma das fontes mais interessantes foi a dissertação de Mestrado em Biblioteconomia de Alcenir Reis, 1990, referenciada no final deste texto. Os dados utilizados são as entrevistas com participantes dos eventos.

Tentando amenizar esses problemas, especialmente a falta de pessoal qualificado, o Regime Militar promoveu várias reformas no sistema educacional, em todos os níveis. Durante o ano de 1968, as manifestações estudantis nas universidades chegaram a um ponto crítico, provocando resposta mais dura do Regime Militar, que culminou com publicação do AI-5.

O Grupo de Trabalho da Reforma Universitária (GRTU), instituído para orientar a reforma, propôs acelerar os trabalhos, reorganizando a estrutura da universidade:

O anteprojeto de lei produzido pelo grupo, que se transformou na Lei n.5540 de 1968, materializou os pontos centrais da reforma: introduziu a estrutura departamental e extinguiu a cátedra; adotou o sistema de crédito por disciplina e periodicidade semestral; dividiu o curso de graduação em duas partes, um ciclo básico e um ciclo profissional; modificou o regime de trabalho dos professores com a introdução da dedicação exclusiva; estabeleceu que as instituições de ensino superior deveriam se organizar, preferencialmente, sob forma de universidade e definiu as funções de ensino e pesquisa como indissolúveis no ensino superior (BRASIL, 1983 *apud* ALVES e OLIVEIRA, 2014, p. 357).

Entre os decretos e pareceres que precederam e embasaram a Reforma Universitária de 1968, o parecer de Newton Sucupira, de 1965, é o mais significativo para o tema de hoje, pois teve como objetivo a definição do conceito de cursos de pós-graduação, seus níveis e suas finalidades (CURY, 2005). Nessa data já existiam cursos de pós-graduação no Brasil, cerca de 30. Segundo Cury (2005) o longo percurso desde as primeiras preocupações com o treinamento para pesquisa até a sistematização dos cursos de pós-graduação, ocorrida a partir dos anos 1960

teve um dos seus momentos mais significativos na fundação da Universidade de Brasília (UnB), pela lei nº 3.998, de 15 de dezembro de 1961.4. Nessa universidade, a pós-graduação tornou-se uma atividade institucional. Pode-se ler no art. 9º dessa lei: A Universidade será uma unidade orgânica integrada por Institutos Centrais de Ensino e de Pesquisa e por Faculdades destinadas à formação profissional, cabendo: I – Aos Institutos Centrais, na sua esfera de competência: a) ministrar cursos básicos, de ciências, letras e artes; b) formar pesquisadores e especialistas; e c) dar cursos de pós-graduação e realizar pesquisas e estudos nas respectivas especialidades. II – As Faculdades, na sua esfera de competência: a) ministrar cursos de graduação para formação profissional e técnica; b) ministrar cursos de especialização e de pós-graduação; c) realizar pesquisas e estudos nos respectivos campos de aplicação científica, tecnológica e cultura” (CURY, p. 9).

Os cursos que existiam antes da Reforma Universitária, em 1968, não eram sistematizados e seguiam vários modelos europeus. A opção da Reforma foi pelo modelo americano, em dois níveis, mestrado e doutorado. Essa opção estava de acordo com a intenção do governo, um modelo de educação superior objetivo e prático, visando à formação de profissionais e pesquisadores. Um dos pontos mais importantes da Reforma de 1968 foi o estabelecimento do princípio segundo o qual a pesquisa seria indissociável do ensino superior

(Alves e Oliveira, 2014, p. 358-359). A Lei estabeleceu também os objetivos do ensino superior e seu *locus*:

Art. 1º O ensino superior tem por objetivo a pesquisa, o desenvolvimento das ciências, letras e artes e a formação de profissionais de nível universitário.

Art. 2º O ensino superior, indissociável da pesquisa, será ministrado em universidades e, excepcionalmente, em estabelecimentos isolados, organizados como instituições de direito público ou privado. (BRASIL. Lei..., 1968)

As agências de fomento CAPES e CNPq, que haviam sido fundadas em 1951, com o objetivo de apoiar a formação de recursos humanos e “promover e estimular o desenvolvimento da investigação científica e tecnológica” no país (CONSELHO, 2018), ficaram encarregadas de dar apoio e fomento aos cursos. À Capes, especialmente, coube o monitoramento dos cursos, inclusive avaliação, função que desenvolve até hoje.

Além da promulgação da Lei da Reforma Universitária, outra linha de ação tomada pelos militares para enfrentar os problemas de mão de obra qualificada e sistema educacional deficiente foi o estabelecimento de convênios e acordos de cooperação acadêmica entre nossas agências de fomento e instituições internacionais e universidades estrangeiras, especialmente americanas. Com base nesses convênios, consultores estrangeiros vieram ao País para ajudar no estabelecimento dos cursos e, por outro lado, alunos brasileiros foram aceitos e matriculados em cursos de pós-graduação naqueles países, geralmente com bolsas pagas pela Capes ou CNPq, mas também, alguns, com bolsas concedidas por entidades estrangeiras ou internacionais. Esses estudantes, quando titulados e de volta ao Brasil, tinham a incumbência de implantar novos cursos de pós-graduação em suas universidades de origem ou ajudar a melhorar os cursos já existentes.

Em conformidade com a visão pragmática de modernizar o país, as áreas que mais receberam apoio, tanto na concessão de bolsas para estudo no exterior quanto para o estabelecimento de novos cursos de pós-graduação, foram as áreas das Ciências Exatas/Tecnologia e Naturais. O amplo incentivo dado às universidades provocou, no entanto, a proliferação de novos cursos, muitos sem estrutura ou qualidade. Por isso, no início dos anos 1970, aparece o primeiro Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG), que será seguido por vários outros, com a finalidade de corrigir e orientar o desenvolvimento dos cursos.

Até aqui é história, esses fatos são conhecidos, estão registrados em artigos e outros documentos de domínio público. Tendo em mente este contexto, vou agora juntar minhas lembranças e vivências.

3 A fundação do Mestrado em Biblioteconomia da Universidade de Brasília

Comecei a trabalhar na UnB em 1972, na Biblioteca Central. Entre 1974 e 1975, com uma bolsa concedida pela OEA, cursei o Mestrado em Biblioteconomia nos Estados Unidos. Na volta, me transferei da Biblioteca Central, onde era bibliotecária, para o Departamento de Biblioteconomia, assumindo sua chefia no ano seguinte, em 1976. Mais ou menos ao mesmo tempo, a Professora Kira Tarapanoff fez trajeto semelhante, bibliotecária da BCE, mestrado nos Estados Unidos e, na volta, transferência para o Departamento, como professora.

Nessa época, era comum professores da Universidade de Brasília serem convocados pela Capes, talvez pela proximidade, para darem pareceres e outras contribuições. Como chefe do Departamento, fui chamada várias vezes pelo seu então Diretor, Dr. Darcy Closs, para tratar de um assunto que o preocupava muito: a constatação de que as bibliotecas universitárias não tinham condição nem de acervo nem de prestação de serviços para apoiar de maneira adequada os novos cursos de pós-graduação que vinham aumentando bastante em número. Muitos professores desses novos cursos haviam se formado no exterior, e lá se habituaram com bibliotecas universitárias eficientes e bem providas. Esses professores, agora também pesquisadores, confrontados com bibliotecas pobres de acervo e serviços, pressionavam a Capes por melhorias.

A Capes se esforçava para solucionar esses problemas. O apoio dado aos novos cursos de pós, em todas as áreas, incluiu grandes repasses de verbas para compra de material bibliográfico, que tinham que ser administrados. A pressão sobre bibliotecas universitárias era grande, e sua deficiência, inclusive administrativa, afetava todos os cursos. Assim, a formação de bibliotecários tornou-se um alvo importante para a Capes, que trouxe ao Brasil vários consultores estrangeiros, contratados especialmente para examinar esse problema, o problema da formação dos bibliotecários. Além dos consultores estrangeiros, o Dr. Closs contratou também Antonio Miranda como um assessor especial para bibliotecas. Os estrangeiros vieram, fizeram visitas rápidas a alguns cursos, escreveram relatórios, enumerando problemas e sugerindo soluções.

Mestrados em biblioteconomia não eram inteiramente novidade no país. Em 1965, a Universidade de Brasília havia iniciado o que podemos considerar como a primeira tentativa de criar um curso formal de mestrado em Biblioteconomia no Brasil. Mas esse curso foi bruscamente interrompido em 1968, sem chegar a formar seus alunos, devido à instabilidade política que tanto afetou as universidades na época, inclusive a UnB. Maria Alice Guimarães Borges resgatou essa etapa de nossa história, a criação de uma Faculdade de Biblioteconomia na UnB e curso de mestrado, coletando depoimentos e fotos que foram publicados em 2013

(BORGES, BRITO, 2013). No Rio, o IBBD, hoje IBICT, mantinha, desde 1970, um mestrado em Ciência da Informação, sucessor de um curso de especialização em documentação científica. Vários professores de biblioteconomia dos cursos de graduação da época passaram por esses cursos. Ainda assim, a demanda por profissionais bibliotecários capazes de gerir as demandas provocadas pelos novos cursos continuava a pressionar.

A partir de 1976, começam a ser fundados os novos Mestrados em Biblioteconomia, na USP (1972), UFMG (1976), PUCCAMP (1977), UnB (1978) e UFPb (1978). Podemos inferir que esses cursos tiveram, então, como motivação, a patente deficiência das bibliotecas universitárias. Devo lembrar, também, que o Dr. Closs tinha interesse pessoal em bibliotecas e entendia sua importância para o sucesso do esforço que a Capes estava fazendo para implantação dos cursos de pós-graduação nas áreas prioritárias.

Com relação ao Mestrado de Biblioteconomia da UnB, o incentivo e o interesse do Dr. Closs foram decisivos. Nós não tínhamos pessoal nem em quantidade nem em qualidade. Não tínhamos experiência. Tínhamos dois doutores, um em artes, João Evangelista de Andrade Filho, e um em Direito Canônico, mas especialista renomado em classificação, o Padre Astério Tavares Campos. Kira e eu tínhamos o mestrado. Professora Cordélia Cavalcanti, se não me engano, era Professora Titular, assim como o Professor Edson Nery da Fonseca. Mas não tínhamos *know how* para implantar um mestrado. A Capes, então, nos deu suporte para a montagem do curso, nos beneficiando em três frentes: com a contratação de novos professores, concessão de bolsas para que os então professores fossem se titular no exterior, e ainda, aval para participação de entidades como o British Council, Fundação Fulbrighth e OEA, para a vinda de professores estrangeiros para dar condições de iniciar o curso.

Foram contratados os Professores Nice de Figueiredo, PhD em Library Science e Jaime Robredo, formado em Química, espanhol naturalizado francês, com experiência em serviços de informação, e que havia vindo ao Brasil pelo PNUD, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Nice assumiu a responsabilidade de montar o mestrado, como coordenadora.

Foi feito um planejamento para capacitação de nossos professores, com apoio da Capes. Assim, de maneira escalonada, foram enviados ao exterior, para doutoramento na Inglaterra, a Professora Kira Tarapanoff e eu um pouco depois dela, e também o Professor Murilo Bastos da Cunha, que foi contrato em 1978 e, em 1979, seguiu para doutorado nos Estados Unidos. Antes disso, foram para Inglaterra, em Loughborough, onde cursaram o mestrado, o Professor Antonio Briquet de Lemos e Antonio Miranda. Na sua volta em 1977, Miranda foi contratado pela Capes como assessor e um ano depois, pela UnB. Foi também

contratado, mas como professor de tempo parcial, Tarcisio Zandonade, funcionário do Itamaraty, e que havia obtido o título de Mestre na Inglaterra alguns anos antes.

A fundação do Mestrado em Biblioteconomia na UnB, em 1978, foi precedida pela criação de outros mestrados: entre 1976 e 1978 foram implantados os Mestrados da UFMG, da USP PUCCAMP, da UnB e da UFPb. Os objetivos desses cursos não eram diferentes dos mestrados em outras áreas, incentivados pela Capes: formar pessoal de “alto nível” e obrigatoriamente, formar professores.

As áreas de concentração variavam de curso para curso, como hoje, mas quase todos privilegiavam a administração de bibliotecas. A UFPb estava voltada para bibliotecas públicas e a PUCCAMP para a formação de professores.

Nós, na UnB, começamos com duas áreas de concentração:

Planejamento, Organização e Administração de Sistemas de Informação, e
Recursos e Técnicas de Documentação e Informação Especializada.

A primeira área visava formar o que hoje chamamos de gestores. A segunda, cujo nome tão comprido nunca era lembrado por inteiro, visava atrair pessoas de outras áreas. Mas ao longo dos primeiros anos, a procura era majoritariamente para a área de Planejamento. Além das áreas de concentração, havia as linhas de pesquisa, ligadas a uma ou outra área. Essas linhas variavam conforme o interesse dos professores, mas havia uma que perpassava todas as demais: a formação de professores de biblioteconomia. Para satisfazer essa demanda, tínhamos, no início, uma disciplina obrigatória e disciplinas optativas.

Na minha lembrança, nosso curso começou de maneira bem tentativa, com poucas alunas. Como nosso corpo docente era muito pequeno e principalmente, muito pouco preparado, ainda mais com alguns professores se titulando no exterior, conseguimos inicialmente um convênio com o British Council, que patrocinou a vinda de dois ingleses especialistas, que assumiram algumas disciplinas e ajudaram na implantação do curso. Max Broome e Stephen Parker. A vinda de professores estrangeiros durante ou logo após a implantação aconteceu em quase todos os novos cursos. Mas, como notou a Professora Nice em entrevista a Alcenir Reis ainda na década de 1980 (REIS, 1990), a UnB talvez estivesse mais bem preparada que as outras universidades, pois já contava com outros cursos de mestrado em áreas diversas, o que nos permitia matricular nossos alunos nas disciplinas que eles ofereciam e que fossem de interesse. Já tínhamos também o Decanato de Pós-Graduação e

Pesquisa, o que ajudava bastante na parte administrativa e de interpretação das normas estabelecidas pela Capes e pelo Conselho Federal de Educação.

Os dois professores britânicos que vieram logo no primeiro semestre, Broome e Parker, tornaram possível o estabelecimento do curso e trouxeram novidades para nós. Mas o problema era a língua. Embora nossos estudantes lessem bem o inglês e falassem um pouco, um curso todo em inglês, com matéria nova, era bem pesado. A solução para isso foi caseira e amadora. Professores que falavam inglês ajudavam na tradução. Fiz bastante esse papel. Ficava ao lado do professor, traduzindo o que ele dizia. O professor falava um pouco, e eu traduzia. Mais umas frases, e eu traduzia. Perguntas, e eu traduzia. Tarefa extremamente cansativa para todos.

O curso começou em março de 1978, e já no segundo semestre chegou a minha vez de seguir para doutoramento. Fui para a Inglaterra, Universidade de Sheffield, onde fiquei entre o segundo semestre de 1978 e meados de 1980, voltando em 1981 para defesa da tese. Durante todo esse período meu envolvimento com o curso de Mestrado diminuiu bastante. Nesse período, novos professores estrangeiros vieram substituir os britânicos. Vieram americanos, trazidos pela Fulbright, e depois pela OEA. A integração desses professores como nossos alunos em geral foi boa, mas havia alguns problemas. Em retrospecto, acho que não era fácil nem para os professores, nem para os alunos, nem para a coordenadora do curso.

Os professores estrangeiros davam aulas, mas não orientavam. As orientações eram feitas por nossos professores, principalmente Pe. Astério Tavares Campos, Nice de Figueiredo e Jaime Robredo, mas também contamos com alguns professores de outros cursos da UnB, Luiz Pasquali, da Psicologia, e Luís Mário Marques Couto, da Engenharia. O Professor Luiz Mario assumiu também, mais tarde, a disciplina de estatística.

Apesar das dificuldades, o Mestrado da UnB foi bem recebido e atraiu muitos alunos. Mas nossas possibilidades não avançavam com a mesma velocidade. Então a Capes determinou que passaríamos um ano, o terceiro, sem receber alunos. E que quando retomássemos, aceitássemos apenas cinco candidatos. Isso desagradou tremendamente à coordenadora, Nice. Não sei se foi por isso, pois eu estava em plena fase de finalização de minha tese, mas o fato é que ela resolveu não renovar seu contrato com a UnB (ela veio cedida pela UNESP).

O ano sem novas entradas de alunos passou, os professores que haviam saído para titulação começaram a voltar em 1980 e 1981, assumindo disciplinas e orientações. E o curso

seguiu, sob a coordenação do Professor Jaime Robredo (1980-1981) depois da Professora Kira Tarapanoff (1982-1985), e novamente Professor Jaime Robredo (1980-1990).

As primeiras dissertações começam a ser defendidas em 1980. Já nesse ano foram defendidas seis dissertações:

- *Um estudo da auto-imagem profissional de bibliotecário*, por Zita Catarina Prates de Oliveira, sob orientação do Professor do Programa de Psicologia Luiz Pasquali;
- *O Livro de Arte Brasileiro*, por Catarina Helen Knychala, sob a orientação de Edson Nery da Fonseca;
- *Estudos sobre hábitos de leitura e uso da biblioteca pública "Benedito Leite" na comunidade urbana de São Luís do Maranhão*, por Anaiza Caminha Gaspar, sob orientação de Astério Tavares Campos;
- *Análise do problema da retirada e descarte dos acervos de biblioteca brasileiras*, por Suzana Binato de Moraes, sob orientação de Jaime Robredo;
- *Análise de bibliotecas universitárias: um estudo para o estabelecimento de padrões mínimos*, por Maria Carmen Romcy de Carvalho, sob orientação de Astério Tavares Campos e
- *A unicidade da Lei de Bradford*, por Maria José da Fonseca Maia, sob orientação de Nice Figueiredo.

Mais 32 dissertações seriam defendidas até o final da década de 1980. A consolidação do curso até o final da década já era visível, não mais dependendo de professores estrangeiros e bem menos de professores de outros Mestrados. Nosso corpo docente se expandiu, com a contratação de novos professores.

A década de 1990 marca o início do atual programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, que foi uma evolução do Curso de Mestrado em Biblioteconomia. A emergência desse Programa, que hoje celebramos, ocorreu com o início do Doutorado em Ciência da Informação em 1992, e com a mudança de nome do Mestrado em Biblioteconomia para Mestrado em Ciência da Informação. Os dois cursos, juntos, passaram a formar o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

Com a alteração de nome dos cursos ocorreu uma mudança marcante também no perfil dos estudantes, especialmente nos primeiros anos: mais candidatos do sexo masculino, graduados em áreas diversas e de profissões as mais variadas se inscrevem para os exames de seleção e ingressam nos cursos. Entre os novos alunos havia militares aposentados ou em vias de se aposentar e funcionários públicos de formação diversa. Em um levantamento informal realizado na época com os candidatos, Sofia Galvão Baptista e eu identificamos como possíveis causas para esse fenômeno: a crise de empregos da época, a abertura de muitas universidades

particulares que ofereciam vagas a professores titulados, a possibilidade de melhorar salários no serviço público com o chamado “adicional de titulação”, e, ao mesmo tempo, a atração exercida pelo nome Ciência da Informação associada a pouca clareza que se tinha sobre o que seria essa Ciência. Informação é um termo amplo onde qualquer profissão ou interesse poderiam se encaixar.

Outro fato notado na década de 1990 que merece atenção foi o aumento, gradual mais constante desde então, da presença e influência dos professores do curso de Arquivologia sobre o novo Programa. Esse curso, nível de graduação, começou a funcionar no então Departamento de Biblioteconomia e Documentação em 1991. A participação dos professores e alunos desse novo curso de Arquivologia no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, quase inexistente no início da década, iria aumentar gradualmente no decorrer da próxima década, até se tornar equivalente à participação dos bibliotecários, inclusive nos cargos administrativos.

A emergência e consolidação do Programa de Pós-Graduação, na década de 1990, composto do Mestrado e Doutorado em Ciência da Informação, provocou a substituição das duas áreas de concentração para uma única e generalista, Transferência da Informação. Outro fato que merece menção é a emergência dos grupos de pesquisa, incentivados pelo CNPq, que iriam influenciar a organização das pesquisas realizadas tanto por professores quanto por alunos do Programa. Mas talvez o fenômeno mais marcante da década seja o aumento gradual da influência da tecnologia em todos os aspectos do Programa, perceptível tanto nos temas e métodos empregados nas pesquisas quanto na administração dos cursos. Hoje tecnologia faz parte do contexto, não se pode imaginar o mundo sem ela. Mas isso já ultrapassa minha tarefa de hoje. Vou deixar para os mais novos, que irão falar em seguida.

4 Considerações finais

Em resumo, visto agora sob a perspectiva histórica, os cursos de pós-graduação que surgiram na década de 1960 e 1970 foram estabelecidos como consequência de uma forte intenção do Regime Militar de modernização do país. A modernização depende de acesso à informação e acesso à informação requer profissionais competentes. Naquela época, bibliotecas eram o principal recurso para acesso à informação. Sua deficiência parece ter provocado, ou pelos menos antecipado, a emergência dos Mestrados em Biblioteconomia. Nosso Programa nasceu em 1978, passando por um período inicial meio amador, grandemente

dependente de professores e consultores estrangeiros e de cursos em outras áreas oferecidos pela Universidade. Passou depois por períodos instáveis de crescimento e finalmente se consolidou, como Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. A rotina se estabeleceu em muitos aspectos, especialmente administrativos. Mas, do ponto de vista de conteúdos e aspirações, me parece, mesmo às vezes errando e regredindo, nunca parou de evoluir, sempre foi aberto a mudanças. E as mudanças, ao meu ver, nos têm ajudado a crescer. Mas vamos ouvir o que dizem os que agora são responsáveis por ele.

Referências

ALVES, Miriam Fábria; OLIVEIRA, João Ferreira. Pós-Graduação no Brasil: do Regime Militar aos dias atuais. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, Porto Alegre, v. 30, n. 2, p. 351-376, mai./ago. 2014. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/index.php/rbpae/article/download/53680/33095> > Acesso em 4 de junho 2018.

BORGES, Maria Alice Guimarães; BRITO, Marcílio de Brito (Org.). **Criação da Faculdade de Biblioteconomia da UnB: 1962-1967**. Brasília: UnB/FCl, 2013. 406p.

BRASIL. **Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968**. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5540-28-novembro-1968-359201-publicacaooriginal-1-pl.htm> Acesso 7 de agosto 2018.

CONSELHO NACIONAL DO DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPq). Centro de Memória. **História do CNPq**. Disponível em: < <http://centrodememoria.cnpq.br/Missao2.html> > Acesso em: 18 de junho 2018.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Quadragésimo ano do parecer CFE no 977/65. **Revista Brasileira de Educação**, n. 30, p. 7-20, set./dez. 2005. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n30/a02n30> >

REIS, Alcenir Soares dos. **A história da pós-graduação em biblioteconomia no Brasil: a interação texto/contexto**. 1990, 208 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) - Escola de Biblioteconomia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, UFMG. Disponível em: < <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUBD-936F6P> >